

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
24 de Fevereiro de 2022
JEAN-DANIEL POLLET – A MATÉRIA DO MUNDO

TU IMAGINES ROBINSON / 1967

Um filme de Jean-Daniel Pollet

Argumento: Jean-Daniel Pollet e Remo Forlani / *Monólogos:* Remo Forlani / *Texto do narrador* Jean Thibaudeau / *Diretor de Fotografia (35 mm, cor):* Yvan Le Masson / *Música:* excertos das “Suites” para violoncelo nº 1 e 6, de Bach, por Pierre Fournier / *Montagem:* Françoise Geissler / *Som:* Jean Baronnet / *Misturas:* Jacques Jullian / *Interpretação:* Tobias Engel (Robinson), Maria Loustaki (a mulher).

Produção: Barbet Schroeder, para Les Films du Losange (Paris) / *Cópia:* dcp, versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 87 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 26 de Março de 1998, no âmbito do ciclo “Um Mar de Filmes”.

Esta adaptação peculiar de *Robinson Crusoe*, mais exatamente esta “releitura” do mito de Robinson Crusoe, que permite tantas “leituras”, ilustra a ambição que está no cerne do cinema de Jean-Daniel Pollet e que ele julga só ter alcançado muitos anos mais tarde, em **Dieu Sait Quai**, de 1993: filmar “*imagens-signos, imagens-palavras*”, pois um “*plano-signo é, na sua própria essência, radicalmente diferente de um plano em que se movem uma dezena de pessoas*”. Embora menos depurado e menos abstrato do que **Dieu Sait Quoi**, **Tu Images Robinson** já se move nesta senda de um cinema que busca uma abstracção essencial, embora Pollet também seja capaz de rasgos “narrativos” e de muita verve, como o demonstra o seu sketch em **Paris Vu...**

O cinema de Pollet é, na sua essência, um cinema de objetos, um cinema da matéria e por isto mesmo a introdução de um personagem em **Tu Images Robinson** surgiu, à partida, como um “problema”, um desafio. Numa longa e importante entrevista aos *Cahiers du Cinéma* (nº 204), dada em conjunto com Jean Thibaudeau, que escreveu parte dos textos do filme, Pollet explica que uma das razões que o levou a escolher *Robinson Crusoe*, foi que “*ao escolher uma «história» tão simples, cujo aspecto exterior era tão conhecido, eu não corria o risco de ser arrastado por ela e podia concentrar o meu interesse não no argumento, mas sim directamente na «escrita», no filme a ser feito*”. E esta “escrita” (em 1968, esta palavra ainda era utilizada entre aspas, quando aplicada ao cinema...) insistia sobre a total exclusão dos elementos psicológicos, pois o realizador via o personagem “*como algo de muito mais exterior, como um elemento da paisagem*”. O personagem: o espectador não deixará de notar a total ausência de Sexta-Feira e de qualquer outro personagem “real”, pois a mulher é fruto da imaginação, dos sonhos de Robinson. Mais: “*a introdução de relações humanas teria alterado o próprio sentido do filme. Eu não podia imaginar, mesmo nas sequências oníricas, que houvesse um contacto entre o personagem e a mulher, queria que o personagem se reduzisse quase a um objecto*”. Este homem literalmente isolado, cercado por seres que são projecções da sua imaginação, evoca o protagonista de *A Invenção de Morel*, embora Pollet não mencione o livro de Bioy Casares, que foi uma das fontes, não totalmente declarada, de Robbe-Grillet em **L’Année Dernière à Marienbad**. E embora o nome de Borges seja mencionado no filme e o tema de um homem que se sonha a si mesmo e que talvez seja sonhado por outro (imaginado, como diz o título do filme) seja muito borgesiano, Pollet tratou de trabalhar sem referências (mesmo o livro de Daniel Defoe) e recusa qualquer antepassado para o seu filme, para mover-se “*em terreno virgem*”, livre de convenções, inclusive as do jovem cinema, cuja retórica não lhe parece

menos estreita do que a do cinema clássico. Como o seu personagem, Pollet tenta situar-se numa ilha, pois um dos temas centrais da sua obra, talvez o seu tema primordial, é a busca do começo, do mundo sem passado, a volta às origens (a Grécia, ponto de origem ideal do Ocidente está presente de modo obsessivo em outro filme de Pollet, **Méditerranée** e também neste filme). **Tu Images Robinson** é uma alegoria sobre esta volta às origens, “*que não é a inocência*”.

Uma vez terminadas as filmagens, os monólogos de Robinson, escritos por Remo Forlani, pareceram insuficientes a Pollet para o filme que queria fazer, embora a palavra síncrona fôsse “*um elemento indispensável*”. Mas para um filme de uma hora e meia, com um só personagem, era preciso reequilibrar o fluxo de palavras, para que este tivesse mais variedade, mais cores. Pollet pediu então a Jean Thibaudeau que escrevesse o texto que é lido em off, espécie de segundo monólogo, e Thibaudeau aceitou a tarefa com prazer, pois pareceu-lhe muito mais interessante escrever *sobre* um filme que já existe do que *para* um filme a ser feito. Para ele, o trabalho tradicional de argumentista ou dialoguista pertence à “*velha literatura*”: o seu trabalho consistiu em “*olhar um filme e escrever um texto que olha o filme*” (ele usa o verbo *regarder* e não o verbo *voir*). Embora na referida entrevista aos *Cahiers*, Thibaudeau entre em interpretações um tanto delirantes sobre *Robinson Crusoe* e o seu protagonista, evocando Jean-Jacques Rousseau, Engels e Freud (a “*tralha literária*”, a luta de classes e o retomo do recalcado), o seu texto é totalmente isento de referências e, efectivamente, “olha” o filme, sem o comentar nem criticar. E o que há de mais marcante neste texto em off é o uso da segunda pessoa (a mesma segunda pessoa do título do filme), um *tu* que é *eu*, um *tu* dirigido ao espectador, um *tu* dirigido a si mesmo: “*Robinson é um homem que te representa*” e assim por diante. O *tu* do título, o *tu* que imagina Robinson é o realizador e é o espectador, cada espectador deste filme em que é imaginado um personagem que já existe e que todos conhecem antes de ver o filme. Quando se nota que este personagem refere-se a si próprio como *ele*, o que exclui do filme a palavra “eu”, verificamos que estamos diante de uma teia complexa, muito mais complexa do que a das imagens, vistas isoladamente. E, no entanto, estas imagens descrevem-nos um périplo análogo ao do “verdadeiro” Robinson Crusoe, com uma barca à deriva a figurar o naufrágio, o longo período de aprendizagem na ilha e a partida, à noite e a nado de Robinson, nu, que chega exausto a outras terras (outra ilha?).

No entanto, as aptidões do cinema em articular conceitos abstractos têm os seus limites e estes limites são visíveis em **Tu Images Robinson**. Como tanto moderno cinema “materialista”, este é um filme cujo “tema” principal é o próprio cinema, a sua estrutura, a sua matéria, o fazer deste cinema. Este é um filme que só existe em si e por si, o que é ao mesmo tempo a sua força e talvez uma espécie de fraqueza.

Antonio Rodrigues